

A PRÁTICA DA CARTOGRAFIA COMO COLAGEM

Duas experiências por antigas linhas férreas paulistas

Kauê Marques Romão¹ e Marina Biazotto Frascareli²

Uma experimentação

O presente texto, uma composição de letras e palavras que busca agenciar (DELEUZE; GUATTARI, 1995), tal qual uma colagem, o fazer-ver arquitetura na cidade contemporânea. Aborda reflexões sobre o modo de produzir o urbano na contemporaneidade. Se fundamenta na inclusão de políticas sobre a desterritorialização, ao considerar na pedagogia nômade elementos de naturezas diferentes através da colagem, formas de desnudar o urbano em uma arquitetura outra. Assumimos a personificação nômade³, como aquele que se distribui no território, em duas linhas férreas paulistas: no litoral, em São Vicente e no interior em São Carlos.

Ao tomar de empréstimo a noção do conceito de menor deslocado ao campo da arquitetura e urbanismo (REYS; KONRATH, 2022), buscamos incluir nossas experiências em campo ao cartografar as múltiplas resistências que habitam fora das normas hegemônicas e centralizadoras. A estas arquiteturas menores, identificamos princípios do esquema rizomático⁴, cartografias⁵ *pari pasu* com as colagens que se desdobram em paisagens imaginativas ao ter em nossa própria realidade um campo em expansão, em sentido contrário aos limites territoriais do pensamento tradicional.

Abertos à noção de destituição do território, ao nos desterritorializar pelas antigas linhas ferroviárias desindustrializadas no interior e litoral paulista, encontramos diferentes movimentos e velocidades que nos possibilitaram o encontro com o Outro, nos contraespaços do desejo (FOUCAULT, 2013). Capturamos afetos dos territórios e paisagens das cidades paulistas e, ao experimentar uma reflexão textual-experimental sobre os percursos independentes que vivenciamos, podemos despertar as singularidades individuais e experienciar outra representação sobre a construção destas colagens a partir dos fragmentos da própria paisagem.

Contudo, a experimentação destes espaços fabris e ferroviários desindustrializados, traz à tona imagens do cotidiano: diferentes objetos e materiais se reúnem para criar obras

1 Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/2022), Arquiteto pela Universidade Paulista (UNIP/2020).

2 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/2022), Arquiteta pela Universidade Sagrado Coração (USC/2017).

3 O nômade tem um movimento absoluto, uma velocidade que pertence essencialmente à máquina de guerra. Não tem pontos, trajetões, nem terra, ele é vetor de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 56).

4 Rizomático pois parte do princípio de que tudo se conecta é composto por inúmeras disciplinas que constitui uma realidade com múltiplas entradas e agenciamentos. Sendo o rizoma o meio, nem início e nem fim, mas o entre coisas, *intermezzo*.

5 Falar de espaço é discutir um problema que nasce junto da filosofia da diferença. Portanto, emprestamos os conceitos deleuziano-guattarianos pelo viés onde o espaço conecta todos em suas múltiplas possibilidades. Assim, o território, por sua vez, se molda e se transforma em uma rede totalmente rizomática, onde a cartografia é colocada frente ao acompanhar de processos ancorada na experiência do real – construindo uma assimilação de pensamento e de posição de mundo.

tridimensionais no espaço urbano. Ao instigar este outro modo de ver e representar, organizamos a composição das diversas camadas, sedimentos e fragmentos coletados que coexistem entre si nestes cenários mutantes⁶.

Para esta operação utilizamos alguns materiais e instrumentos próprios do campo da arquitetura e outros cooptados da filosofia, arte e psicanálise. Processo este que se descortina para novas descobertas entre os destroços e ruínas dos espaços à margem dos limites territoriais e urbanos. Possibilita a recomposição e a reconstituição das histórias locais, dos seus usos e usuários⁷. Não obstante, a justaposição dos fragmentos coletados em nossos caminhos coaduna memórias residuais e outras imaginadas, permitidas pelos encontros de nossa *collage*, a construção de um mundo novo (FUÃO, 2011).

Uma análise crítica sobre como a história e a memória estão sendo tratadas no âmbito pós-industrial paulista, levando em consideração os desafios e dilemas da contemporaneidade a partir da intervenção e manipulação das fotografias registradas (SOLÀ-MORALES, 2002), sobretudo das imagens mediadas pelos sujeitos que habitam estes espaços, combinando diferentes elementos e componentes para a criação de algo único.

Desdobramos o emprego inicial da cartografia rizomática convocando uma posição metodológica cartográfica (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2009). Como uma pesquisa-intervenção a qual permite a integração de diferentes perspectivas e experiências, compondo uma visão mais ampla e complexa da realidade. A cartografia enquanto campo metodológico evita armadilhas de posição hierarquizadas, ao passo em que o pesquisador não vai em direção ao objeto, mas é orientado e reorientado enquanto analisa a experiência investigativa e os dispositivos que encontra no espaço. Ao ganhar camadas interpretativas em nossa metodologia, praticamos o reconhecimento e recomposição dos espaços à espera, ao ter na paisagem os conjuntos das diferentes partes e os elementos criados por meio dos caminhos visitados cenários singulares, imaginativos e possíveis.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1, .

FOUCAULT, Michael. *O corpo utópico, As heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FUÃO, Fernando. *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

REYS, Paulo; KONRATH, Germana. Das Margens ao Centro: Quando a arte habita o menor. *PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, [S. l.], v. 6, n. 20, p. 104–117, 10 out. 2022.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Territorios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

6 Ao nos permitir tal experiência, notamos aproximações e distanciamentos que foram únicas das duas linhas férreas.

7 Link para o vídeo: https://youtu.be/RatK_CYwszs.

Figura 1 – Percursos independentes ao longo do leito férreo paulista. Em cinza claro: o leito férreo são-carlense; Cinza médio o percurso no território são-carlense; Cinza escuro o percurso sobreposto ao leito férreo vicentino. Fonte: dos autores, 2023. Figura 2 – Experimentação das imagens e fragmentos coletados, justapostos e apresentados como colagem dos territórios visitados. Fonte: dos autores, 2023.



Figuras 3, 4, 5 e 6 – Experimentações do reconhecimento e recomposição dos espaços à margem dos leitos férreos em colagens. Fonte: dos autores, 2023.